

Aprimoramento da prática da supervisão é tema de formação do Instituto Unibanco

O Instituto Unibanco realizou no mês de abril a formação “Supervisão: aprimorando a prática”. O curso foi promovido nos cinco estados parceiros do Programa Ensino Médio Inovador/Jovem de Futuro (ProEMI/JF) – Ceará, Goiás, Mato Grosso do Sul, Pará e Piauí.

No total, participaram 163 profissionais de educação, entre eles supervisores, técnicos de apoio à gestão e integrantes das Secretarias de Educação. Com duração de 16 horas, a formação buscou aprimorar a prática da supervisão, com um olhar para o início do acompanhamento da execução do plano de ação da escola.

“A ideia foi fortalecer o uso do Sistema de Gestão de Projetos (SGP) como ferramenta de acompanhamento do Plano de Ação, bem como todas as práticas de acompanhamento, como visitas técnicas, formas de monitoramento etc.”, explica Fernanda Erlea, do Instituto Unibanco.

Você participou desta formação? Compartilhe suas experiências, aprendizados e opiniões no grupo do Facebook Supervisores Conectados (<https://www.facebook.com/groups/supervisoresconectados.promijf/>).

Educadores opinam sobre formação a distância do Instituto Unibanco

As formações do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), do Instituto Unibanco, encerraram-se no último dia 4 maio. Inscreveram-se cerca de 30 mil profissionais da educação dos cinco estados parceiros do Programa Ensino Médio Inovador/Jovem de Futuro (ProEMI/JF), que tiveram a oportunidade de aprender ou aprofundar conhecimentos sobre as Metodologias Jovem de Futuro.

Conversamos com cinco educadoras que se matricularam para as aulas da Metodologia de Mobilização e Articulação Agente Jovem. Elas contam o que acharam do curso e como devem utilizar o conhecimento adquirido. Confirmam!

“Vejo a formação de forma positiva. Amplia horizontes, norteia meu trabalho, nos traz novidades capazes de me ajudar a melhorar. A formação nos leva a refletir sobre a nossa prática educacional, sendo assim, buscamos integrar conhecimento adquirido e replanejar as nossas aulas a fim de torná-las interessantes, atraentes e prazerosas.

As informações da formação são bem fundamentadas e agregadas ao que já temos em relação ao perfil dos nossos alunos. O nosso desafio é focar, conscientizar e ativar a metodologia, com certeza teremos bons resultados. Jovem consciente, futuro garantido. Quando eles acreditam, eles investem, lutam, vão em busca, concretizam, argumentam e manifestam.” >>>

Sandra Borges Teixeira -Goiás



Verbena Roque - Piauí

“A partir do momento em que somos responsáveis por uma atividade, nos envolvemos mais para ver o sucesso dela. Sendo assim, quando os jovens constroem ações, metas para atingir, terminam por serem os responsáveis pelo sucesso dos projetos da escola, aumentando sua frequência nas aulas e mobilizando a comunidade escolar para participarem naquilo que eles acreditam e almejam atingir como meta.

Para o educador, a formação é uma motivação profissional, afinal o professor só será motivado a educar quando sentir a necessidade de autorrealização, ou seja, sentir o desejo de crescer na vida, ser um grande profissional e ‘querer’ descobrir novos caminhos que possam servir de pontes motivadoras para envolver nosso aluno a permanecer na escola e esta formação, aponta alguns destes caminhos.”



Katia Cilene Batista Borges - Ceará

“A partir da formação, nós educadores, tivemos acesso aos recursos de apoio didático que podemos utilizar na prática diária, adequando-os aos desafios do cotidiano com os agentes jovens, contribuiu muito para a realização das ações que fomentam a participação da comunidade no ambiente escolar e que fortalecem as relações entre planejamento e comunicação das ações promovidas.

A metodologia pode impactar a aprendizagem dos jovens, através da criação de espaços coletivos, mobilização e envolvimento dos alunos nos projetos escolares. E também por meio de uma gestão participativa, técnica e transformadora que busca um ensino inovador”.



Zaira Silva de Oliveira - Pará

“A formação foi uma surpresa muito agradável, pois possibilita um conhecimento maior a respeito da metodologia Agente Jovem. Eu já tinha tido acesso ao material que chegou em nossa escola, porém não sabia ainda como colocar em prática. A partir da formação ficou mais fácil entender o que exatamente é possível de ser realizado.

Lendo o material disponível na metodologia, acredito que há, sim, uma grande possibilidade de mudanças nas atitudes dos nossos alunos, uma vez que é dado ao aluno a oportunidade de se expressar, dar sua opinião, dizer que mudanças ele quer pra sua escola, pra sua vida. Em muitos casos, as escolas estão muito ‘conteudistas’, não há uma preocupação no ‘ser aluno’, e daí termos alunos apáticos, sem participação na vida escolar. Não é esse tipo de pessoas que queremos para nossa sociedade. Queremos pessoas vibrantes, participativas, comprometidas.

A formação na metodologia Agente Jovem está sendo um grande desafio para mim. Por que não quero apenas terminá-la no AVA, quero colocar em prática com os agentes jovens de minha escola! Quero utilizar o material disponível!”



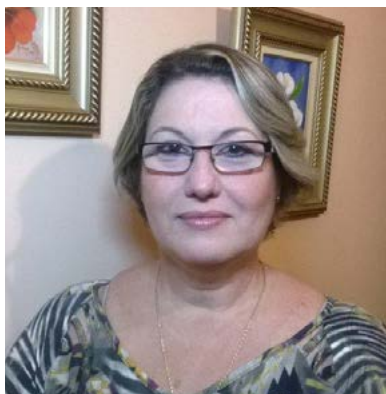
Maria Cardoso Gai - Mato Grosso do Sul

“O embasamento teórico contribui para as práticas pedagógicas, facilitando a aplicação das metodologias aos agentes. A formação é clara em seus objetivos e vem contribuir para que os professores possam mobilizar e instrumentalizar os estudantes promovendo a integração e troca de experiência entre o grupo.

É preciso despertar nos jovens o interesse, a motivação e a responsabilidade da renovação social promovendo melhorias no ambiente em que vive e na sua educação. Saibam propor e realizar ações que venham contribuir para melhorar não só o seu meio, mas toda estrutura social que o cerca.”

Na fanpage do Jovem de Futuro no Facebook (<https://www.facebook.com/jovemdefuturo.oficial>) você poderá conferir outros depoimentos de educadores. Vale a pena acessar, compartilhar e também dar a sua opinião!

O Boletim Jovem de Futuro buscou experiências de escolas que conseguiram mobilizar diferentes comunidades. Vale conhecer!



Maristela Lyri, diretora do Ciep Brizolão 358 Alberto Pasqualini, Nova Iguaçu (RJ)

“Acreditamos que a escola sozinha não dá conta das necessidades de nossos alunos, a família e a escola devem ser parceiras na educação dos jovens. Tentamos atuar mostrando que todos os membros da comunidade escolar (professores, funcionários, gestores, terceirizados, pais e alunos) são responsáveis pelo processo ensino-aprendizagem. Precisamos zelar pela permanência dos alunos na escola e, principalmente, aprendendo.

Criamos no ano de 2013 uma ação chamada “Escola de Pais”, voltada para um encontro com a equipe pedagógica para o estudo/debate sobre um tema específico, adoles-

cência, por exemplo. Neste encontro participam os pais e responsáveis interessados. Percebemos aí um interesse de aproximação com a escola.

Assim, a metodologia Agente Jovem começou com o projeto Jovem de Futuro e continua sendo aplicada na escola. Mantê-la é, para nós, uma necessidade de aproximação dos jovens às decisões e ações da escola. Contribui para a efetiva representação dos alunos no conselho escolar juntamente com os representantes de turmas, trazendo-nos sugestões, críticas e colaborando com as ações da escola”.

“Acreditamos que a educação se faz a seis mãos: escola + família + alunos. Nossa comunidade atualmente é extremamente participativa e presente em nossa escola. Temos uma escola totalmente aberta à comunidade, que respeita as diferenças e une gerações.

As reuniões de pais e mestres, antes vazias, sem a presença dos pais, hoje superlota o auditório e temos que fazer horários alternativos para atender a todos.

No projeto do “Dia da Superação”, a comunidade participa através de trabalho voluntário, auxiliando nas

barracas de comidas ou coordenando oficinas de pintura, tricô, crochê, culinárias, danças, entre outras.

Através da associação de bairro, por exemplo, recebemos auxílio com empréstimos de materiais e instrumentos como som, mesas e cadeiras para nossos eventos e estabelecemos contatos com comerciantes do bairro para que possam fazer doações para escola como depósitos de material elétrico e de construção. Além de nos auxiliarem juntamente ao Conselho Tutelar do bairro, encaminhando as famílias e alunos que necessitam de ajuda para conseguir vagas em escolas.”



José Roberto dos Santos, diretor da Escola Celso Machado, Barreiro (MG)

“Em 2013 realizamos a 4ª edição da Feira Científica Cultural, que teve como tema ‘A busca pela qualidade de vida’. Primeiro, mobilizamos os alunos para a importância do bem-estar e saúde, depois professores e comunidade. Fizemos parcerias com nutricionistas e educadores físicos, que realizaram palestras. Também com a Secretaria Municipal de Saúde, que trouxe à tona temas como colesterol, DST, entre outros. Depois os alunos fizeram uma exposição na praça de eventos da cidade com diferentes estandes sobre alimentação saudável, esporte, natação, pressão alta e diabetes. Eles explicavam os trabalhos para os convidados por meio de uma apresentação.

A Feira Científica reuniu mais de 5 mil pessoas e teve como propósito trazer a comunidade para a escola e mostrar para os alunos como eles são importantes e protagonistas na instituição.

Mobilização é essencial. Não existe educação presa em uma sala de aula. Com parcerias, o ensino vem com mais qualidade. É necessário ter a integração da comunidade com a escola, a educação só tem a ganhar.”



Josevaldo de Jesus, coordenador da CEMTI Rocha Neto, Oeiras (PI)



Escola busca conscientizar e mobilizar comunidade no combate a queimadas

Todos os anos, nos períodos mais quentes, a zona rural do município de Canto do Buriti, no Piauí, sofre com queimadas descontroladas, muitas vezes provocadas pela própria população local durante o preparo dos terrenos para plantação. Além dos problemas ambientais, esses incêndios trazem diversos prejuízos à comunidade, como problemas na rede de energia elétrica que são atingidas pelo fogo, por exemplo. A Escola Estadual Lúcia Maria Oliveira resolveu agir e se mobilizou para ajudar a conscientizar a população sobre os riscos que as queimadas podem trazer para a população e o município.

“Primeiro convocamos o conselho escolar para debatermos o assunto e depois solicitamos a presença do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Proteção dos Recursos Naturais não Renováveis (Ibama) para que os agentes realizassem cursos de Brigadistas para os colonos, incluindo os alunos da escola”, explica o professor da área ambiental da escola, Josiel Oliveira.

Com a ajuda do Ibama, foram ministrados cursos, palestras e distribuído panfletos para conscientizar os alunos e a comunidade sobre os riscos dessas queimadas e ajudar a diminuir os focos de incêndio. “Os resultados foram positivos, percebemos que existe o desejo por parte de todos em melhorar a qualidade de vida da comunidade”, conta Josiel.

Os alunos também têm um papel importante nesse combate: ajudam a levar as informações aos pais, au-

xiliam na confecção do material de divulgação e apoiam a iniciativa da escola. “Quando mobilizamos a instituição, todos se sensibilizam com o problema e tudo fica mais direcionado, além do que, as ações desenvolvidas em sala de aula acrescentam em muito o aprendizado dos alunos”, diz o professor.

O professor de artes da escola Lúcia Maria e secretário da associação de moradores, Claudio Santana, mora há 10 anos na comunidade e ajuda a instituição de ensino no trabalho com a comunidade. “Através da música, teatro e dança, conscientizamos os alunos e a população sobre como cuidar da flora e da fauna, a utilizar o lixo como adubo e também estamos tentando eliminar a cultura antiga dos pais e comunidade de queimar o solo para produzir alimentos. É um trabalho difícil porque são pessoas que vieram de regiões diferentes e possuem cultura e religião distintas”, explica Claudio.

Para o professor Josiel, se não tem comunidade escolar, não existe a possibilidade de desenvolver educacionalmente a região. “Os aprendizados adquiridos na escola e na comunidade podem ser interligados. O que precisa é apenas de um direcionamento. A escola e a comunidade entram com diferentes conhecimentos. Todos são importantes para o desenvolvimento da comunidade”.

“Mobilização e articulação da comunidade são processos contínuos que devem estar na base do PPP da escola”



Natacha Costa, diretora executiva da Associação Cidade Escola Aprendiz

“Aprendemos em diferentes lugares, com diferentes pessoas, de diferentes formas, ao longo de toda a vida”. “A educação é uma tarefa de todos em uma sociedade”. Baseada nessas ideias, Natacha Costa, diretora executiva da Associação Cidade Escola Aprendiz, conversou com o Boletim Jovem de Futuro sobre o tema mobilização da comunidade, que deve, em sua opinião, ser um processo contínuo, base do trabalho da escola e do seu Projeto Político Pedagógico (PPP).

Confira as ideias e propostas, da diretora da Cidade Escola Aprendiz, instituição que há mais de 15 anos, desenvolve e pesquisa experiências que rompem a lógica da escola como único espaço de aprendizagem.

Qual é a importância da mobilização da comunidade na qual a escola está inserida?

Para compreendermos a importância da mobilização da comunidade pela escola, é fundamental retomarmos dois pressupostos que embasam esta visão de educação. O primeiro é o entendimento de que o processo educativo não se restringe a escola: aprendemos em diferentes lugares, com diferentes pessoas, de diferentes formas, ao longo de toda a vida. O segundo pressuposto refere-se à compreensão de que a educação é uma tarefa de todos em uma sociedade e, dessa forma, exige uma ampla e contínua mobilização dos diferentes setores para que ela alcance seus objetivos.

Assim, a comunidade não é aqui compreendida como um suporte ou adendo ao processo educativo, mas um de seus pilares. A comunidade é contexto, mas também é agente educativo e objeto de aprendizagem. Mobilizar a comunidade para que assuma seu lugar no processo de formação de suas crianças e jovens é tarefa basilar. E a escola tem um papel fundamental nesse processo.

Que significado a escola passa a ter nesse contexto?

Neste contexto, a escola não é mais compreendida como a instituição detentora do monopólio do conhecimento, mas como uma articuladora de potenciais educativos, sejam eles saberes, espaços ou ações da e na cidade. A escola, assim, não está apartada do seu contexto e muito menos o submete ao seu modelo tradicional. Ela dialoga e responde a esse contexto como parte integrante da dinâmica local, como um ativo da comunidade na melhoria das suas condições de vida e de desenvolvimento. Assim, a escola transcende a tarefa da escolarização, para assumir como objeto de seu trabalho a formação de sujeitos autônomos e integrados ao seu contexto sociocultural, capazes de produzir um conhecimento relevante para si mesmo e para o mundo.

Como se trata de uma mudança paradigmática, pensar a escola como parte de um território educativo impõe repensarmos estruturas clássicas da organização escolar, como o currículo, as instâncias de parti-

“Escolas que efetivem uma gestão democrática criam mecanismos para que a comunidade escolar como um todo seja corresponsável por todas as etapas do desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico da escola”

cipação, o papel do professor e do estudante, a arquitetura escolar e urbana, a organização dos espaços e dos tempos e a avaliação. Não é mudança fácil, mas esta em curso e se faz cada vez mais urgente.

Como a integração comunidade e escola pode melhorar a qualidade da educação?

Se compreendermos que uma educação de qualidade considera e cria condições para o desenvolvimento de todas as dimensões de um ser humano, fortalecendo sua autonomia e capacidade de agir no mundo, a integração comunidade e escola é fundamental. Não há maneira de se garantir essa qualidade se não superarmos o modelo vigente de uma escola apartada do seu contexto, que não reconhece os saberes dos estudantes e de suas comunidades e que não garante a circulação destes saberes e o acesso destes sujeitos aos recursos educativos das cidades e da sociedade como um todo.

A mobilização da comunidade deve ter um foco específico, como a melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), por exemplo?

É importante que a mobilização da comunidade tenha objetivos claros e estabeleça suas prioridades. Mas é basilar que estes elementos sejam construídos pela comunidade, a partir dos seus valores, anseios e perspectivas de futuro. Sem dúvida, a aprendizagem é um objetivo em si no processo educativo. Mas a maneira como a comunidade (incluindo aqui a escola) vai construir seu processo de avaliação e monitoramento de resultados, pode e deve ser autônomo. Acredito que o Ideb deve compor este processo, mas não deve ser o único indicador a ser considerado.

Ao longo do ano letivo, as escolas elaboram seus diagnósticos, fazem seu planejamento e o acompanhamento e avaliação do mesmo e se replanejam. De que momento a comunidade escolar - na figura de pais de alunos, por exemplo - devem participar?

Idealmente de todos. Escolas que efetivem uma gestão democrática criam mecanismos para que a comunidade escolar como um todo seja corresponsável por todas as etapas do desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Como estes espaços devem se configurar depende do modelo de organização de cada escola e do perfil de cada comunidade, mas existem referências nesse sentido que podem ser inspiradoras. É o exemplo das Comunidades de Aprendizagem na Espanha e no Brasil e de escolas brasileiras como o Projeto Âncora e a Escola Técnica Estadual (Etec) Parque da Juventude, de São Paulo.

Quais estratégias podem ser desenvolvidas para mobilizar a comunidade para dentro do espaço escolar?

É importante compreender que esta proposta exige que a escola se reorganize integralmente. Não se trata de apenas uma estratégia complementar se articular com a comunidade. Trata-se de que os espaços de discussão do PPP sejam permanentes e plurais, com a participação dos estudantes, professores, pais e a comunidade em geral, fazendo com que o projeto pedagógico da escola seja orientador de sua prática.

A participação dos pais e da comunidade aparece nesta perspectiva não como uma forma de submissão a um modelo pré-definido, mas como um elemento central da proposta pedagógica da escola. Além

“É importante que a mobilização da comunidade tenha objetivos claros e estabeleça suas prioridades. Mas é basilar que estes elementos sejam construídos pela comunidade, a partir dos seus valores, anseios e perspectivas de futuro”

“Não há maneira de se garantir qualidade se não superarmos o modelo vigente de uma escola apartada do seu contexto, que não reconhece os saberes dos estudantes e de suas comunidades”

disso, demanda a constituição de um currículo integrado, em que as questões locais impulsionam processos de pesquisa aos quais são articulados os elementos do currículo formal para subsidiar e fundamentar a construção dos conhecimentos em questão. Esta integração prevê um trabalho articulado entre os professores e os demais agentes educadores locais, que os processos de avaliação sejam processuais e coletivos e que o produto do trabalho seja compartilhado com a comunidade e se transforme em subsídio para intervenção.

Para isso, a mobilização da comunidade pode ser realizada através de inúmeras estratégias, pertinentes a cada contexto. São algumas possibilidades: mapeamento coletivo e permanente dos desafios e ativos locais, criação de instâncias de participação intra e extraescolares como Grupos Articuladores Locais, definição de Planos de Ação integrados, criação de processos de avaliação participativos, realização de intervenções físicas nos espaços intra e extraescolares (pátio, salas de aula, praças, ruas, quadras etc.) que visibilizem o processo, realização de atividades da escola fora dos seus muros (aulas-passeio, pesquisas de campo, saraus etc.), visitas de professores as casas dos estudantes para reconhecimento das condições de vida, fortalecimento dos vínculos e mobilização das famílias.

Que programas ou ações têm obtido êxito nesse tipo de mobilização?

No âmbito das políticas públicas, experiências como a Escola Integrada de Belo Horizonte, Bairro-escola Recife, o Bairro-escola de Nova Iguaçu, a Cidade Educadora Cidade Saudável de Sorocaba, entre diversas outras, apresentam inovações interessantes. Para isso, o programa Mais Educação do Governo Federal tem sido um importante aliado. Ele tem induzido que as políticas de educa-

ção integral no Brasil tenham como horizonte não apenas a ampliação do tempo, mas também das oportunidades e espaços educativos a que os estudantes têm acesso.

No âmbito local, são exemplos representativos, o Bairro Educador de Heliópolis, a EMEI Sonho Azul no Campo Limpo, a EMEF Amorim Lima, o CIEJA Campo Limpo – na capital paulista – o Vila Escola Projeto de Gente, em Cumuruxatiba (BA), e o Bairro-escola Rio Vermelho, Salvador (BA).

Escolas e outras instituições de serviços público locais, como Conselhos Tutelares, devem estar conectadas? Qual é a importância desse tipo de parceria local?

Sem dúvida. Se compreendermos que a escola sozinha não pode dar conta do desenvolvimento integral de crianças e jovens, é natural que compreendamos os demais serviços, políticas e instituições como parceiros fundamentais. Além das oportunidades educativas propriamente ditas, a articulação das demais políticas sociais que atendam as necessidades dos estudantes e de suas famílias em outras áreas como habitação, saúde, trabalho e assistência social são condições sine qua non para o seu desenvolvimento.

De que forma essa mobilização pode ser sustentável?

Para que ela seja sustentável, é fundamental que não seja estruturada por eventos isolados e pontuais como festas ou reuniões de pais. A mobilização e articulação da comunidade são processos contínuos que devem estar na base do Projeto Político Pedagógico da escola. Uma escola que se compreende como parte de um contexto, de uma rede educativa que vai além do seu corpo docente, trabalha estas relações permanentemente.

O Boletim Jovem de Futuro selecionou algumas leituras que podem colaborar com reflexões sobre participação e mobilização da comunidade. Vale conferir!

- CATANI, Afrânio Mendes. GUTIERREZ, Gustavo Luis. Participação e gestão escolar: conceitos e potencialidades. In: FERREIRA, Naura S. Carapeto (org.). Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (orgs.). Autonomia na escola: princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 2012.
- PARO, Vitor H. Gestão Democrática da Escola Pública. São Paulo: Ática, 1997. 119p. In: PRO-GESTÃO 5.
- SOUSA, Maria Luiza de. Desenvolvimento de Comunidade: participação. S.P., Cortez, 1996.



jovem
de futuro



Ministério da
Educação

Secretaria de
Assuntos Estratégicos



jovem
de futuro

